

Horizonte, v. 19, n. 58, jan./abr. 2021

Dossiê: Pentecostalismo, Política e Direitos Humanos

Roberlei Panasiewicz *

Com alegria, apresentamos novo número da *Horizonte* – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. Além do Dossiê e Temática Livre, nele temos a publicação do **Manual de Submissões de Artigos para Horizonte: Open Journal System (OJS 3.0)**. Trata-se de um importante instrumento que visa orientar todo o processo de submissão de textos na *Horizonte*. Juntamente – com este Manual – também publicamos um **Template**, que é um material com todas as orientações referentes à formatação dos textos a serem submetidos à revista. Com estes dois instrumentos, procuramos favorecer e agilizar os processos de submissão e adequação dos textos às normas e configurações da revista.

O dossiê **Pentecostalismo, Política e Direitos Humanos**, que teve a participação do Prof. Dr. Adriano Sousa Lima (UNINTER / FABAPAR), tanto na proposição da temática quanto na colaboração efetiva em sua divulgação e convite a autores, se insere na atual discussão que perpassa pesquisas e polêmicas nacionais e internacionais, provocando interesses variados ao tema. O movimento pentecostal, tal como conhecemos atualmente, emerge no início do século XX e resgata, atualiza e propicia, com novos contornos, o ocorrido nos primórdios da tradição cristã – o dia de Pentecostes – narrado no livro dos Atos dos Apóstolos (2, 1-13). Pesquisadores desse movimento descrevem que o Pentecostalismo teve sua origem em 1901, em diversas partes dos EUA; sua notoriedade veio com o Avivamento da Rua Azusa, Los Angeles, em 1906, com o

* Doutor em Ciências da Religião pela UFJF. Professor do PPGCR PUC Minas. ORCID: 0000-0002-5429-2649. Brasil. E-mail: roberlei@pucminas.br

pastor William Seymour. No Texas, ele havia sido aluno da escola bíblica do pastor Charles Parham, que – dentre seus ensinamentos – enfatizava fazer a experiência da terceira bênção, o batismo com o Espírito Santo e o falar em línguas seria consequência deste ato. Seymour tinha que assistir às aulas no corredor, pois Parham seguia, rigorosamente, as normas racistas da época, período de discriminação racial no sul dos EUA.

Willian Seymour recebeu grande influência pentecostal; ao pregar a doutrina do batismo com o Espírito Santo, aumentou rapidamente seu número de adeptos, tendo que ampliar seu lugar de culto. Os cultos barulhentos e a experiência de falar em línguas era tão estimulante e arrebatador que um jornal da época publicou uma matéria intitulada “Estranha babel de línguas”. Por ser descendente de escravos, negro e militante na defesa dos direitos humanos dos negros, Seymour permitia que negros e brancos estivessem juntos adorando a Deus. Portanto, em sua igreja não havia separação ou barreira racial. Acredita-se, por isto, que o maior de seus milagres foi ter propiciado uma harmonia inter-racial, pois pessoas de várias localidades e nacionalidades participavam de seus cultos. Assim, a defesa dos direitos humanos, em especial, pelos direitos étnico-raciais, estão na base do movimento pentecostal moderno.

Quatro anos depois – em 1910 – o pentecostalismo chega ao Brasil com a Congregação Cristã no Brasil; em 1911, tem a presença da Assembleia de Deus. Posteriormente – na década de 50 e 60 – surgem muitos grupos, sendo três ligados ao pentecostalismo clássico: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). Já no final dos anos 70 e início dos anos 80, surgem novas práticas, agora denominadas neopentecostais. São elas a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), depois a Igreja Renascer em Cristo e várias outras. Paul Freston e Ricardo Mariano denominam estes momentos como as três ondas ou vertentes do pentecostalismo. Primeiramente, a ênfase era dada no batismo com o Espírito Santo e no falar em línguas (Pentecostalismo Clássico, década de 10), depois o destaque eram nas curas e nos milagres (Deuteropentecostalismo, década de 60); por fim, o momento do exorcismo e da prosperidade (Neopentecostalismo, década de 80).

No catolicismo, o movimento pentecostal, posteriormente denominado de Renovação Carismática Católica (RCC), tem sua origem identificada a partir da reunião ocorrida em fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne, em Pittsburgh, Pensylvania – EUA. Este movimento deu ênfase ao batismo no Espírito Santo e aos dons do Espírito, que decorrem deste batismo, à luz da comunidade cristã primitiva. Sua chegada ao Brasil, ainda no final dos anos 60, é atribuída aos padres Haroldo J. Hahm e Edward John Dougherty. O termo “movimento” é questionado por seguidores, pois compreendem que não se destina a um grupo, mas à renovação deve ser de toda a Igreja Católica. Isto se daria pela transformação individual da subjetividade por meio , através da oração, dos sacramentos – especialmente da liturgia – sendo perpassados pelo emocional e pelas manifestações do Espírito Santo. Brenda Carranza compreende seu crescimento em três fases, passando pelo nascimento e estruturação, depois, consolidação; a partir dos anos 2000, momento da fase midiática.

A vantagem destes movimentos, seja no ambiente protestante ou católico, foi o de resgatar a espiritualidade e trazê-la para o dia a dia das pessoas. Fortalecer a fé, estimular a oração e o contato com o divino de maneira informal e transformadora, caracterizam esta experiência espiritual. Entretanto, também perpassa uma noção de espiritualidade envolta a passes mágicos de mudanças e desvinculada da realidade. Nesta direção, destacam-se algumas características negativas destes movimentos pentecostais da atualidade: venerar seus líderes, ter fechamento político, difundir práticas de intolerância, de desrespeito e de não permitir o reconhecimento da diferença, bem como, recusa do encontro e do diálogo inter-religioso. O grande desafio posto, de maneira especial aos líderes religiosos pentecostais e neopentecostais, refere-se ao resgate da consciência e da luta pelos direitos humanos, que significa combate os preconceitos, discriminações e desigualdades sociais, econômicas, políticas e religiosas. Cuidar da dignidade humana é atitude presente nos primórdios do cristianismo e nas origens do pentecostalismo.

A articulação destes temas fundamentam este dossiê que tem por proposta discutir pentecostalismo, ações políticas e direitos humanos. Esta reflexão – a partir da realidade brasileira – está apresentada no Editorial, escrito pelo Dr.

Rodrigo Ferreira Toniol. Ele traz à tona a questão dos direitos humanos, das eleições nas últimas décadas e, de maneira geral, o envolvimento político em todo este processo pelo catolicismo e protestantismo.

O dossiê sobre **Pentecostalismo, Política e Direitos Humanos** traz sete artigos. O primeiro, da Dra. Elisa Rodrigues sobre **Religião e política: a participação pentecostal na esfera pública brasileira**, procura discutir o campo religioso brasileiro e suas relações de poder, controvérsias e tensões. Duas perguntas que conduziram sua reflexão foram: como os cristãos, principalmente os evangélicos, poderiam apoiar um Governo Federal que defende políticas destrutivas e não sociais? Como podem os crentes pentecostais reafirmar a desigualdade social, por meio do ódio étnico-racial, da negação da diversidade de gênero e da sujeição das mulheres à autoridade dos homens? Para tanto, vale se da literatura brasileira sobre o pentecostalismo e de alguns dos principais líderes evangélicos, alinhados à agenda conservadora do atual governo federal. Mostrará que a hermenêutica literalista de textos bíblicos legitima e autoriza políticas de desigualdade social e violência contra comunidades em situação de vulnerabilidade, social e econômica.

Em seguida, o Dr. Leandro Luis Bendin Fontana, ao discutir **Fundamentalistas ou pioneiros? A ambivalência do engajamento político pentecostal no jogo democrático**, parte dos desafios que o populismo e o engajamento político de motivação religiosa representam às democracias liberais. O papel desempenhado por atores pentecostais pode ser descrito como ambivalente: por um lado, contribuem enormemente para uma democratização das democracias contemporâneas; por outro, desempenham função decisiva no abalamento dos fundamentos das democracias liberais. Assim, este artigo analisa o engajamento pentecostal nas eleições brasileiras de 2018. A partir de uma perspectiva teórica, investiga o engajamento político pentecostal e a crise da democracia. Utiliza a recente obra de Manow acerca da atual crise da democracia, com vistas a compreender o engajamento político pentecostal, tanto no Brasil quanto na Nigéria, onde fenômenos similares podem ser constatados.

O artigo **A perspectiva do método hermenêutico na interpretação do direito sobre liberdade religiosa e o princípio constitucional da dignidade humana** – da Dra. Gleyds Domingues e do Dr. Reginaldo Pereira de Moraes – apresenta reflexão interdisciplinar entre as áreas teológico-jurídica. A pergunta condutora da análise foi: como o método hermenêutico pode contribuir na interpretação do direito sobre liberdade religiosa, diante das violações sofridas, mesmo sendo ele preceituado na Constituição brasileira? Baseado em perspectiva teórica, este artigo pretende analisar a influência do método hermenêutico na interpretação do texto constitucional sobre liberdade religiosa e o princípio da dignidade humana, bem como dos direitos humanos. A conclusão indica que o Estado Democrático favorece a ação assecuratória do direito de liberdade; sendo, portanto, descabida a inobservância de um direito constitucional presente na sociedade.

Os pentecostalismos significaram a ruptura com a antropologia protestante, refém da epistemologia da Modernidade. Com essa perspectiva, o Dr. David Mesquiati de Oliveira trabalha seu artigo **Pentecostalismos, racismos e direitos humanos**. A experiência pentecostal deu ênfase à corporeidade e os corpos violentados e subjugados tornaram-se visíveis e empoderados. Os movimentos pentecostais como presença no mundo e prática religiosa reveladora da defesa de direitos fundamentais, especialmente na militância da justiça racial, representam intuições para uma sociedade mais fraterna e igualitária.

O Dr. Leonildo Silveira Campos, em **A Igreja Apostólica: da Tenda de Deus para salvação e cura à ‘Igreja da Santa Vó Rosa’ – mutações religiosas (1954-2020)**, descreve o surgimento e as mutações experimentadas por uma Igreja inicialmente pentecostal, fundada em São Paulo, em 1954, no rastro do movimento de cura divina. O autor trabalhou com a pergunta: após seis décadas, o que restou de pentecostal nessa trajetória marcada por transformações doutrinárias, litúrgicas e administrativas? Baseado em documentos, mídias eletrônicas e textos de antigos membros que fazem oposição à direção dessa Igreja, chega-se à conclusão de que se trata de uma instituição de tipo seita. Atualmente mantém somente alguns resíduos de suas origens pentecostais.

Em **Manoel de Mello e a preocupação com direitos humanos nos primórdios do envolvimento pentecostal com a política brasileira**, do Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho, apresenta – criticamente – o contexto histórico da organização da Igreja “O Brasil para Cristo” e o envolvimento político de Manoel de Mello e Silva (1929-1990), com ênfase em sua preocupação com os direitos humanos. Ele foi um dos primeiros líderes pentecostais brasileiros a falar abertamente sobre política.

O Dr. Nicolas Panotto, em seu artigo **Pentecostalid y procesos de identificación política disruptiva: un estudio de caso en Argentina**, trabalha com a hipótese que os elementos constitutivos do Pentecostalismo – identidade, ritual, institucional, discursivo e teológico – são heterogêneos, maleáveis e dinâmicos; por isto, permitem re-apropriações e modos diversos de identificação. Para tanto, analisa uma comunidade pentecostal na cidade de Buenos Aires, o Centro Cristiano Nueva Vida (CCNV). Busca investigar como a dinâmica institucional, os desempenhos da subjetividade pentecostal e a resignificação dos discursos teológicos, servem à promoção e construção de posições políticas alternativas.

Em **Dossiê Tradução** está proposto o artigo do Dr. Amos Yong sobre **A Glocalização e o Espírito da Graça: informalidade e shalom além da economia política de intercâmbio**. Dois desafios perpassam este texto: discernir até que ponto as primeiras práticas econômicas cristãs podem ser consideradas para informar a economia política pentecostal contemporânea, esclarecer como a interface entre prática bíblica e contemporânea fundamenta a reflexão sobre uma teologia cristã da economia no mundo capitalista moderno tardio do início do século XXI. Este artigo explora a relação entre religião, globalização e economia e procura esboçar uma teologia pentecostal da economia informal à luz das primeiras práticas econômicas cristãs. O pentecostalismo contemporâneo fornece um trampolim para examinar questões econômicas locais e globais à luz das preocupações bíblicas e teológicas e vice-versa.

A **Temática livre** inicia com o artigo **Fundamentalismos ortodoxos e democracia liberal: o bem comum na Teologia de Aristotle**

Papanikolaou, do Dr. Graham McGeoch, que propõe discutir a teologia política de Papanikolaou, teólogo ortodoxo, no contexto da democracia liberal, fundamentando-se no conceito de comunhão divina-humana. Sua teologia política se engaja com influentes teólogos da tradição ortodoxa tais como Máximos, o Confessor, e John Zizioulas. Parte da perspectiva que originalmente fundamentalismo é um termo técnico para descrever um certo tipo de protestantismo norte-americano; porém, neste artigo, há o reconhecimento que o termo fundamentalismo se aplica a grupos mais amplos para descrever vários grupos religiosos, e até sistemas econômicos e políticos.

O Dr. Jimmy Sudário Cabral, em **Dostoiévski – niilismo, arte e cristianismo**, argumenta que o niilismo possibilita o nascimento de um vocabulário religioso não condicionado pelos princípios teológicos tradicionais, comumente vinculados ao universo estético e religioso de Dostoiévski. Entende que é no horizonte do niilismo, e não dentro dos quadros de uma religião tradicional, que o cristianismo de Dostoiévski deve ser interpretado. Para tanto, analisa o contexto religioso da Ortodoxia russa e o espaço ocupado pela tradição ortodoxa na *intelligentsia* russa durante o século XIX. Empreende esforço para deslocar o autor da tradição teológica da Ortodoxia e busca posicionar o pensamento religioso de Dostoiévski no horizonte do Niilismo Moderno.

Entre política e a religião: a defesa sobre o divórcio na Constituinte de 1934, o Dr. Renan Santos Mattos analisa a posição de Fernando do Ó, advogado e espírita, sobre o divórcio no contexto de atuação intelectual após a eleição para a constituinte de 1934. Ele discute a tese intitulada “O Divórcio”, apresentada em 1934, na qual o autor articula o conceito de laicidade, de emancipação da mulher; sobretudo, a noção de família, sob o viés jurídico, com objetivo de defender a necessidade de revisão da legislação brasileira, com base na perspectiva de Pierre Bourdieu e Gilberto Velho. Avança na construção do direito como ciência que analisa as demandas da sociedade e de como o divórcio representa estratégia de luta pela separação entre Estado e religião.

Em **Las pugnas Iglesia-Estado en la transición democrática española**, a Dra. Anna-María Montero-Pedrerá e o Dr. Manuel Sánchez Sánchez procuram demarcar a transição no interior da Igreja Católica, no clima do Concílio Vaticano II – em especial a declaração *Dignitatis humanae*, em que passou de estado confessional à proclamação da liberdade religiosa. A Igreja teve um importante papel neste caminho rumo a democracia, contribuindo para a restauração de direitos e liberdades.

O Dr. João Bartolomeu Rodrigues, Dr. Levi Leonildo Fernandes da Silva e a Dra. Elza Morgado em **Educação e cidadania, uma nova prática na pluralidade social: a especificidade da pedagogia Cristã**, pretendem mostrar que a essência da educação cristã está presente desde as origens de sua literatura e que a pedagogia cristã, que deriva desta concepção, prolonga, aprofunda e aprimora o aperfeiçoamento intencional do ser humano. Partem do pressuposto que a educação é uma atividade intencional e, portanto, condição para o desenvolvimento sustentável dos povos. Pluralidade social, desempenho individual e pensamento coletivo são fundamentais para a cidadania e para o progresso da nação.

O artigo **“Sem religião” ou pluralismo religioso? Uma leitura introdutória**, do Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho e do Dr. Clóvis Ecco, se insere nas atuais discussões sobre os “sem religião”, categoria que tem despertado interesse de cientistas da religião, teólogos e estudiosos em geral. O artigo é parte de uma pesquisa mais ampla e questiona a validade do conceito “sem religião” como tem sido comumente empregado, levantando pistas para a leitura do pluralismo religioso que lhe é subjacente.

Em **A teoria da revelação divina: uma interlocução com a teologia de Torres Queiruga para comunicar Deus hoje**, o Dr. José Aguiar Nobre compreende que o Papa Francisco possui uma forma de evangelizar que constitui uma rica oportunidade para a prática dos ensinamentos de Jesus Cristo. Nesta perspectiva e ante os desafios da atualidade, aponta a teologia da revelação de Andrés Torres Queiruga, que em diálogo com a sociedade, propicia rica mediação para comunicar Deus hoje. Em articulação com a “Igreja em Saída”,

do Papa Francisco, em *Evangelii Gaudium*, indica eficácia evangelizadora e atinge uma práxis eclesial renovada.

O motivo dos três caminhos em um desenho devocional popular luterano e suíço de 1800: uma leitura warburgiana, artigo do Dr. Helmut Renders, propõe a leitura de representações da cultura visual religiosa, com fins devocionais, a partir dos conceitos do *Nachleben* e dos *Pathosformeln*, de Aby Warburg. Análise do desenho suíço intitulado “Estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem”. Trabalha com as narrativas visuais (Crucifixo, Levante de Serpente, Nova Jerusalém, cidade da Vaidade, Paraíso, Boca do Inferno, dois - três - caminhos), bem como, textuais e metafóricas (citações de textos bíblicos e hinos). Compreende que há um sentido duplo que perpassa *Nachleben* e que o conceito de *Pathosformeln* articula bem o aspecto performativo e, ao mesmo tempo, educativo e apelativo do gênero da arte sacra devocional.

A partir da tragédia narrada no modelo Édipo Rei, o artigo **Édipo Rei, José e Cântico dos Cânticos: da tragédia grega à contra-tragédia bíblica**, do Dr. Osvaldo Luiz Riberio, procura ler duas histórias: a de José, em Gênesis, como uma narrativa do gênero tragédia, e Cântico dos Cânticos, como uma narrativa que subverte o enredo trágico por meio da crítica político-social, classes dominadas e classe dominante. No campo narrativo, em Cântico dos Cânticos, a incompetência tática das personagens de Édipo Rei e de José, que, julgando escapar do destino oracular, findam por promovê-lo.

O artigo **Contrafeitiço: “Nós derruba mesmo qualquer feitiço, aqui a pessoa se cura”**, da Dra. Lucielma Lobato Silva procura compreender uma das práticas de cura feitas na casa de Cura de Dona Neca, residente no Rio Urubuéua Fátima, região insular do município de Abaetetuba, Estado do Pará. Neste caso, a prática de Cura está relacionada com o chamado contrafeitiço: deixar a pessoa livre do infortúnio ocasionado por uma magia/feitiço. Ao enfatizar a cura do contrafeitiço por meio da curandeiria, pretende apresentar manifestações religiosas do interior da floresta Amazônica, a qual utiliza sua relação com o meio ambiente para desempenhar suas diferentes formas de cura.

Em **Temática livre – tradução**, Thomas Ryba apresenta no artigo **Religião comparada, taxonomias e filosofias da ciência do século XIX: Chantepie de la Saussaye e Tiele**, uma leitura aprofundada das fenomenologias de C. P. Tiele e P. D. Chantepie de la Saussaye, demonstrando a extensão da influência de Hegel em seus pensamentos. Esta perspectiva procede de forma desconstrutiva, estabelecendo – primeiramente – a questionabilidade da reivindicação de cada pensador na representação de uma ciência unitária da religião e, em segundo, mostrando as oposições entre as respectivas noções de taxonomia e de ciência da religião. Sugere ainda que suas respectivas concepções de ciência também foram influenciadas por fenomenólogos como Robison, Hamilton e Whewell.

Por fim, o leitor encontrará – neste número – resumos de teses e dissertações, assim como resenhas. Desejamos que entrem em diálogo profundo com os conteúdos, perspectivas e desafios propostos nas temáticas apresentadas e tenham excelente aproveitamento. Na “Capa” da Horizonte há Chamadas para os próximos Dossiês. Participem compartilhando suas pesquisas e descobertas, sobretudo, na área de conhecimento em Ciências da Religião e Teologia.